



TAXA PAGA
PORTUGAL
CCE DEVEZAS

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



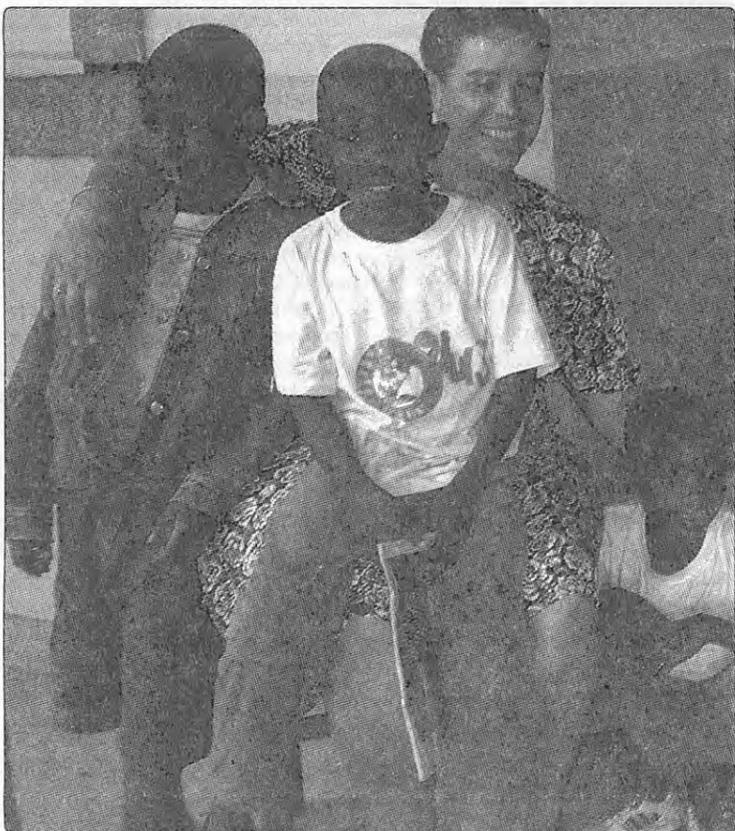
Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

5 de DEZEMBRO de 2009 • Ano LXVI • N.º 1715
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradaruaiol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

ENQUANTO o Outono dura e o Inverno não entra, as árvores da nossa Aldeia vão despindo a sua folhagem em cada dia que passa. Todos os dias, centenas de folhas caem de secas ou fustigadas pelos ventos e chuvadas que insistentemente lhes vão batendo.

A folha é, por isso, a tarefa na ordem do dia na vida dos rapazes, em todos os dias desta época do ano.

Embora tarefa tão simples e humilde, da sua realização nasce o contraste nas ruas da Aldeia, ora pintadas caoticamente de castanho pela acção da natureza, ora limpas e asseadas pela acção humana, mostrando uma nova beleza e dando novo alento a quem por elas passa.

É assim também nos caminhos da vida dos homens. Quando limpos e cuidados, a alma sente-se mais alegre e com dobrado interesse pela vida.

Veio hoje bater à nossa porta uma mulher preocupada com a situação de uns seus vizinhos, situação que antes lhe era desconhecida e que agora ao conhecê-la, a alarmou. É um casal idoso e doente, com dois filhos com mais de trinta anos coabitando com eles, também doentes, a viver num estado em que «nem as minhas galinhas vivem», disse. Ali tão perto, uns ignorados de todos.

Fomos visitar e conhecer esta família. É de facto caótica e perigosa a situação em que vivem. Também nós a ignorávamos... e quantas mais ignoramos. Tanta pobreza escondida e envergonhada...

A vida destes irmãos há-de ser, a partir de agora, mais airosa. Há-de ter novo alento. Até hoje, sempre viveram pobres. Mas nem por isso perderam a dignidade: «o meu filho disse-me para eu ficar descansada que ele nunca iria roubar! E tem cumprido». Outros, sem precisarem, fazem-no.

Têm alguém muito próximo que se preocupa com eles. Muitos outros não têm esta ajuda preciosa. «Aqui ainda há um vizinho que dê a mão quando é preciso», dizia alguém há dias. «Nas cidades é mais difícil, as pessoas não se conhecem».

Os Pobres, pela sua impotência em vencerem a indigência, não descobrem maneira de dela saírem. Precisam que venha alguém preocupar-se com eles, prevendo males maiores que lhes poderão acontecer caso nada se faça.

A dor que nasce de conhecer estas realidades é suplantada pela alegria de as aliviar. A tarefa de aliviar faz-se com muito jeito, lado a lado. Com tal cuidado que nem a esquerda sabe o que faz a direita. E depois, tudo fica mais airoso... para todos. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Dia do Educador

ONTEM, foi celebrado o Dia do Educador, a nível nacional. A nossa Casa do Gaiato foi o lugar escolhido para o acto público, no município de Benguela. O espaço disponível foi pequeno para o grande número de professores. É um dia muito rico de significado. Quem dera todo o ano fosse o Dia do Educador! A nação está nas mãos do Educador. As crianças de hoje serão os adolescentes e os jovens de amanhã. Os adultos, mais novos e mais velhos, levam a marca do Educador, até ao fim das suas vidas. Por isso, podemos dizer que um povo, uma nação, é e será o que forem os Educadores.

A família está em primeiro lugar. É o espaço privilegiado do lançamento da pedra mais preciosa do alicerce da pessoa. Quem dera fosse uma realidade actual! A uni-

dade e a estabilidade são a garantia da solidez do edifício humano. A fonte é o amor autêntico que une e prende os corações do homem e da mulher. Não há outra garantia. Por isso, o Educador fontal é a família. Ao levantar os meus olhos, para contemplar o mundo que nos rodeia, sinto as lágrimas a rebentar. São os filhos que nascem fora da família. O abandono e a rua são o destino de muitos. Não podemos parar. Vamos manter aberta a porta do acolhimento até onde for possível. Não queremos que se perca a maior riqueza duma nação, escondida no coração destes filhos.

A escola há-de estar ao lado da família. Se o primeiro educador deve estar na família, cada professor e cada professora continua o mesmo serviço de amor. Quantas vezes acontece que a escola

substitui e faz o que a família não é capaz de fazer! Por outro lado, seria uma desgraça grande se a escola se demitisse de tão grande responsabilidade. Por isso, o dia do Educador tem um significado muito rico. É um combatente da primeira linha, no bom sentido da palavra. A arma mais eficaz é a paciência que é um rebento do amor. Ser pai e mãe dos filhos do seu sangue, amando-os até dar a vida por eles, é um pedido da natureza. Porém, o educador, na escola, tem as crianças a pedir-lhe incondicionalmente o seu amor de pai ou de mãe. O Educador tem vocação de herói, escondido no meio dos seus alunos, dando-lhes tudo o que é capaz de dar, sem esperar outra recompensa. O seu tesouro está à vista. São os seus alunos. O seu coração repousa neles.

Estamos todos chamados a ajudar a pôr cá fora a riqueza escondida no coração de cada criança. Eis o Educador! □

O BEM COMUM

Padre João

FOI o tema da Semana Social que decorreu no Centro Cultural e de Congressos de Aveiro de 20 a 22 de Novembro de 2009. Só a expressão, por si mesma, é apelativa e nos incita ao seu aprofundamento.

Seguimos de perto duas reflexões magistrais, quanto a nós, apresentadas nesta Semana: uma do professor Doutor Barbosa de Melo e a outra de Dom José Policarpo, Patriarca de Lisboa.

O senhor Prof. começou por afirmar, em expressão lapidar, que «o bem comum é a pedra angular da Doutrina Social da Igreja».

Logo aqui encontramos matéria abundante de reflexão e um «ancoradouro» seguro de conclusões construtivas para entender a sua relação com o Estado e com a Sociedade.

O bem comum não é uma soma particular dos bens dos sujeitos individuais. O bem comum é uma entidade que está para além do individual que diz respeito ao «todo», envolvendo o Estado e a Sociedade numa certa tensão cuja soberania reside na Sociedade remetendo

o Estado para uma função subsidiária, reguladora e jurídica.

Entende-se deste modo, que o Estado deve estar aberto à Sociedade, aos seus «movimentos de fundo» de forma subsidiária e não controladora; aberta ao pluralismo permitindo o aparecimento de corpos intermédios de sã convivência que produzirão bons frutos na organização da sociedade política. O respeito pelos Direitos Humanos, pelas minorias, o incentivo à iniciativa privada e o pluralismo, tornam o cidadão sensível ao compromisso na vida política activa.

O Estado tem o direito e o dever de intervir, por exemplo, na economia, mas tais intervenções devem ter justificação e ser feitas não de forma permanente. A certa altura, e a este propósito, referiu-se à tentativa de controlar a Obra da Rua, em 2004, em Paço de Sousa, ignorando a natureza da Obra, a sua projecção no contexto nacional, a sua história, numa palavra sociologicamente muito rica, a sua «portugalidade»...

D. José Policarpo considerou o conceito de bem comum, rico e facilmente apreensível na

linguagem da Igreja. Para esta compreensão há que ter em conta a dimensão dialogal do ser humano, dando como exemplos, a família, a nação etc. Ao lado do bem individual, há o bem comum, o bem «do nós colectivo» que se manifesta no vigor da caridade — o contributo mais importante da Igreja para a construção do bem comum. Na busca do bem comum há uma interacção das comunidades religiosas com outras organizações e principalmente com o Estado cuja função é potenciar, na harmonia, o contributo de todas elas para o bem comum da Sociedade e da Humanidade.

D. José elencou algumas concretizações do contributo da religião na busca do bem comum.

1. O reconhecimento do lugar de Deus na Cidade. Querer construir a cidade dos homens sem abertura a Deus é comprometer o alcance do bem comum em definitivo; é fechar o horizonte da esperança. A religião cristã só pode dar a sua contribuição para o bem comum se lhe derem espaço...

Continua na página 3

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

JANTAR DE NATAL — Já está marcada, a ceia de Natal, para sexta-feira, dia 18 de Dezembro, às 20 horas, no mesmo local do ano passado (cidade de Penafiel), a ementa e os preços, assim como a animação e a troca de prendas será para repetir. As inscrições são limitadas, por isso apressa-te a fazer a marcação da tua família, na nossa sede ou pelos contactos 912163569 ou 917414417. Os sócios pagarão 10 euros, as crianças até aos 5 anos, é grátis, e as outras crianças pagarão 5 euros. Os familiares não sócio pagarão 25 euros. Cada membro do agregado familiar entrega um prenda de valor até 2 euros, para o Pai Natal distribuir por todos os presentes.

MAGUSTO — Decorreu como programado, o magusto que ficou integrado na comemoração do primeiro aniversário da inauguração da sede da Associação, no dia 14 de Novembro. Este ano, a organização do magusto foi em conjunto com a Casa do Gaiato. Agradecemos todo o empenho dos rapazes e do nosso Padre Júlio, pois com apoio de todos, tudo decorreu na perfeição. A tocata da Associação, comandada pelo Miguel, animou a tarde acompanhada pela escolha musical do «Botija» que deu mais brilho e ritmo à festa, enquanto se esperava para que todos se reunissem à volta da fogueira das castanhas assadas e das apetitosas fêveras, pois em Família, só quando o último chega, é que se pode dar o tiro de partida. Ainda houve tempo para saborear o caldo verde, feito pelos mais novos com o olhar atento do «Almeidinha». Provou-se também o vinho, que passou com distinção, e temos vinho da quinta, feito por todos, para as ocasiões festivas e só essas!

LOJA SOCIAL — Registamos a amiga e sócia Maria José Merino, de Paredes. E a pastelaria *Doce Bijou*, de Penafiel. Aos nossos benfeitores um bem-haja.

GRUPO DESPORTIVO — Agradecemos o donativo de "Joaquim Coelho da Silva, Lda." para ajuda de equipamento do futebol e atletismo. Registamos também a oferta de algumas chuteiras, faltam ainda as sapatilhas para o atletismo.

ANIVERSÁRIOS — Festejamos o aniversário do Miguel "Peniche" no Domingo, dia 20 de Novembro de 2009. O aniversariante, trouxe fêveras, moelas e papas à lavrador, que foram rapadas até ao fundo do tacho, de tão saborosas que estavam. Foi uma tarde bem passada com a tocata da Associação a animar e a cantar os parabéns. Também o Rogério Mourato, festejou o seu aniversário em família, onde estivemos presentes. Ver avós, filhos e netos da Obra da Rua a partilhar a alegria genuína, transporta-nos do sonho de Pai Américo: trazer os farrapos das ruas, para a realidade: estes são os frutos vivos da Pedagogia de Pai Américo: *fazer de cada rapaz, um Homem.* □

PAÇO DE SOUSA

MAGUSTO — No dia 14 de Novembro realizou-se o magusto cá em casa. Houve muitas castanhas, fêveras, e sem faltar o caldo verde e a música que estava à responsabilidade do «Botija». Correu tudo bem e o tempo cumpriu com a tradição de no dia de S. Martinho: não chover.

RAPAZES — O Roberto foi um rapaz que quis ir para casa de uma tia e que passado algum tempo não se deu bem e decidiu voltar cá para casa. Recebemo-lo com muito carinho. Também recebemos o Issa, que tem seis anos, e que veio a Portugal para ser operado de um problema que tem no coração.

PADRE JOÃO LUÍS — Foi passar uns dias na nossa Casa do Gaiato de Beire, no concelho de Paredes. Esperamos que aproveite para descansar um pouco do bom trabalho que fez cá nos nossos jardins e que ajude quem precisa.

Hugo Pina

DESPORTO — A nossa Aldeia, foi sempre bonita. Mas agora, com este arranjar de ribanceiras e de árvores, deixa tudo, ainda mais airoso e vistoso. E quando a folha cair toda?, toda apanhada?! Aí, vai parecer o nosso Calvário, que está sempre, parece que é aspirado! Pai Américo dizia: «(...) É uma beleza. É a Aldeia mais linda de Portugal, com possibilidades para roubar às ruas, muitas dezenas de portugueses». Ela tem atraído a si, até hoje, não dezenas, mas centenas de rapazes, que até aqui, desconheciam o conforto de uma família, com quase tudo dentro de portas!...

Uns já conhecem, mas aqueles que vêm cá pela primeira vez, como é o caso de alguns grupos de futebol, ficam *pasmados* com o que vêem. Ainda esta semana, um dos responsáveis pelos Juniores da A. R. D. C. Gondim — Maia, da A. F. Porto, com quem jogamos, perguntou: — «A Casa do Gaiato, é tudo que se vê à nossa volta? Ali... ali... e ali...?» Foi então que se explicou «tim-tim» por «tim-tim» a todos os que estavam naquele local. Ficaram admirados! Através das nossas andanças futebolísticas, por vezes, desfazemos dúvidas, de *equivocos*, provocados por terceiros.

Quando se estava a mostrar a Casa-Mãe, ouviu-se uma voz: «Agora compreendo porque é que o Filipe gosta de cá estar». O Filipe, foi um dos últimos rapazes a entrar nesta Família, mas depois dele, já veio um outro muito *riquinho* com três anos. É tão amoroso o nosso Manelinho! Mas ainda voltando ao Filipe, que veio de Mação do distrito de Santarém, diz esse mesmo atleta do Gondim, que por sinal é seu colega de escola: «O Filipe é cá uma cabeça... é mesmo inteligente!». Eles sabem! Eles andam todos juntos nas escolas públicas. Os nossos Rapazes, não vivem *encarcerados* aqui dentro!

A visita continuou e, quando se chegou à piscina, diz um outro: «Era o que nós precisávamos. Eles, afinal, têm tudo (...).»

E como sempre acontece aos fins-de-semana, lá tivemos mais um daqueles jogos no nosso campo que, no entender de Pai Américo: «Aquele campo aos Domingos, vive horas escaldantes». A sua palavra está sempre actualizada! Foi mesmo um jogo escaldante. Lutou-se, jogou-se e tudo saiu bem. Não houve problemas e no fim do jogo, toda a gente se cumprimentou, apesar dos golos de Ricardo Sérgio (1), Agostinho (1), Bonga (1) e André Espanhol (2). Os rapazes da Maia, não conseguiram marcar qualquer golo.

Na semana seguinte, foi a vez de recebermos mais uma equipa de Juniores, da A. F. Porto. Um jogo sem grande história, apesar de uma primeira parte jogada taco-a-taco. A equipa do Inter, — atenção: não é de Milão! — é de Milheirós, Maia, — mostrou como se troca e trata a bola, mas os nossos Rapazes, foram mais eficazes. Com golos de Abílio (1); Agostinho (1); Bonga (1); Rogério (1); Joaninha (1), que se encontra a atravessar um bom momento; e, André Espanhol (1). Já o adversário, conseguiu marcar um golo, por falta de atenção do nosso guarda-redes.

Alberto («Resende»)

Pelas CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Padre Acílio

APANHA DA AZEITONA — Foi um sábado inteiro até ao fechar da noite! O fruto da oliveira não se pode manter em Casa, após a colheita, sem perigo de se deteriorar. Como só aos sábados temos gente, foi preciso, naquele, mobilizar o pessoal.

Pensava que seríamos capazes de acabar a tarefa até ao almoço, o qual, neste dia da semana, é sempre pelas 14 horas. Nada. A falta de experiência e preparação, negaram-nos a possibilidade e foi preciso voltar de novo.

Bonito! — Os rapazes regressaram ao trabalho imediatamente, sem recreio, e a azeitona colheu-se.

Tínhamos pensado fazer conserva, mas, como haviam sido curadas uma só vez, muitas estavam bichadas. Assim, foram todas para o lagar! 380 quilos. O azeite será, depois, embalado e rotulado. Estamos num mundo evoluído neste aspecto, graças a Deus.

MENTIRA — A mentira é uma arma utilizada por alguns rapazes para encobrirem as suas faltas. Por tudo e por nada se mente. Não admira. O ambiente cultural é quase todo de mentira, ou pior ainda, de meias verdades.

Elias veio queixar-se que haviam usado o seu caderno de Português e escrito no interior, ao calhas, uns apontamentos de Matemática.

Quem foi? — Quem não foi?

Reuni os rapazes daquela sala de estudo e fomos indagar de quem seria a letra. Facilmente o autor foi descoberto, mas ele negou, negou, negou. Tive de lhe contar um facto semelhante onde a

mentira se tornou ridícula para que ele acesse. Espero que a lição fique.

GRIFE — Não sei qual é a letra desta que nos tem atacado tão fortemente. Com a propaganda contra a A, parece-me que esta já se pôs em fuga mas a que nos assalta tem-nos moído a vida e as forças, além de atingir a economia caseira por causa da medicação cara e a falta às aulas. Vale-nos a colaboração dos rapazes mais generosos e a permanente e heróica atenção da senhora mais a presença gratuita de uma médica amiga.

D. TERESA — A D. Teresa que serviu no princípio, durante largos anos esta Casa, acamou. Uma doença cancerosa no final do intestino e os seus 86 anos, deitaram-na abaixo. Trata dela a D. Isaura que se desfaz em esforço e paciência. Temos rezado para que o Senhor lhe dê ânimo, e uma inabalável confiança no seu amor eterno. O nosso Deus não é um Deus dos mortos mas dos vivos.

CATEQUESE — Nesta Casa, toda a gente tem Catequese, cada grupo ao seu nível. «A Formação Religiosa não se discute». Os mais velhos agarraram a Sagrada Escritura — cada um com seu exemplar e aprenderam a manejá-la, por livros, capítulos e versículos. Aperceberam-se desta «reserva», revelada ao longo de milénios, atravessando muitas culturas e nascendo da inspiração divina em inúmeros autores.

LAR DO PORTO

Olga e Valdemar

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Nunca como agora se sente a falta de entrada de novos elementos (sangue novo), na nossa Conferência.

Verificamos, com muita mágoa, que se está a tornar difícil, manter aquilo que Pai Américo tanto gostava, que são as Conferências das Casas do Gaiato, e que Padre Telmo fez ressurgir, no Lar do Porto. Na Conferência do Lar do Porto, já somos poucos, e os que estamos, já andamos na casa dos 60 e 70 e tais anos.

Ora, nós entendemos, que aquilo que somos nesta vida, devemos-lo a Pai Américo e que por ele fomos educados cristãmente. Como cristãos que somos, (ou devíamos ser), somos arautos de Cristo e como tal, trabalhadores da sua Messe.

Tal como Pai Américo nos amou, e Cristo nos ama, devemos pôr esse amor ao serviço dos pobres e dos

nossos irmãos, que mais precisam. Não podemos ser egoístas, pois os talentos que recebemos na Casa que nos educou e criou, devem ser postos ao serviço daqueles que mais precisam. Se somos cristãos, somos de Deus, e Ele é Amor. Vamos deixar a comodidade do nosso lar e façamos como Pai Américo. Ponhamos o amor de Deus que habita em nós, ao serviço dos nossos irmãos pobres do Barredo e não só. Pai Américo, deu-nos o exemplo. Ele que também estava instalado na vida, deixou tudo, para vir em socorro dos pobres, dos doentes, dos abandonados e dos esfarrapados deste mundo.

Como já se disse, os elementos da Conferência do Lar do Porto, já estão em idade avançada, apesar de também serem poucos. É certo que o amor não tem idade, mas a resistência humana tem limites.

Se te dizes Cristão, lembra-te que Deus é verdade e Amor, e coragem, e

temo-nos debruçado sobre as figuras mais marcantes da genealogia de Jesus; entre elas, David.

O Danilo Vezo — atenção que temos dois Danilos, ambos inteligentes. Este é o Vezo, escreveu ele sobre uma faceta de David: *Verdadeiramente, no pecado cometido por David, Deus ficou mergulhado na tristeza. Foi um golpe muito baixo, um rei ter desrespeitado um dos mandamentos.*

Durante a nossa vida, quando cometemos um pecado, temos quem nos diga que pecámos e quem nos tente corrigir. Foi o que o profeta Natan fez. Com a ajuda de Deus, teve coragem para ir falar com o rei David, enfrentando-o, a ponto de fazer com que o rei se arrependesse e escrevesse um belo salmo a mostrar arrependimento, e, ao mesmo tempo, louvor.

A atitude pecadora de David foi uma verdadeira asneira que nenhum homem deve fazer. Deus criou-nos para que O seguíssemos e não para que andássemos por caminhos alheios. E, se pecámos, nada melhor que pedirmos perdão a Deus, como David fez. Porque assim, podemos ter a certeza, que Deus nos irá perdoar.

AULAS — Estão a correr com normalidade, interrompidas pelos que estiveram doentes, mas há rapazes que nunca deram ainda uma falta injustificada. Esperamos que o entusiasmo não esmoreça.

Cada falta sem justificação, vale um domingo a lavar a loiça, após o almoço e o jantar. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ESTUDO — Os Rapazes do 1.º Ciclo, entre outros, precisam muito de estudar, depois das aulas; pois, alguns têm muitas dificuldades de aprendizagem. Assim, os nossos Professores, Alberto e Paulo, vão acompanhando esses alunos a fazer os trabalhos de casa.

ESCOLA DO 1.º CICLO — A 11 de Novembro, foi o magusto da nossa Escola, com alguns Jardins de Infância e Escolas do 1.º Ciclo do Agrupamento de Miranda do Corvo.

A nossa Escola Básica do 1.º Ciclo teve uma inspecção às Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC),

pela Direcção Regional de Educação do Centro (DREC). O resultado da avaliação foi muito positivo.

AGRO-PECUÁRIA — A actividade agrícola tem estado toda centrada na apanha da azeitona, pois a tarefa é grande. Com tempo incerto, a chuva e o vento vem prejudicando este trabalho. Teve de se comprar mais dornas, para armazenar as azeitonas em água. Porque era muito necessária, também se comprou uma tarara, para *erguer* (limpar), as azeitonas. A colheita tem sido feita pelos trabalhadores e alguns Rapazes. Têm-se apanhado azeitonas no lameiro, no olival dos poços e na

terra nova. As azeitonas colhidas têm sido guardadas na carpintaria, pois tem bom espaço. Tem havido dificuldade em esmagar as azeitonas, na região.

LAREIRA — Tem-se acendido a lareira, na sala de convívio, pois já chegou algum frio. Muitos chegaram-se demais para a fogueira e põem, às vezes, muita lenha.

QUARTOS — Alguns Rapazes mudaram de quartos, para o rés-do-chão, pois têm crescido e temos recebido vários pequenitos! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Chapéus

AS diversas coberturas para a cabeça, que os filhos desta Família foram usando em dias mais quentes, paulatinamente, chegaram às nossas mãos e perfilaram-se. *Chapéus há muitos?* Chegou a 34. Ficaram esquecidos ou à espera do calor. Entre eles, esta protecção, solta, não dura muito tempo na parte superior do corpo humano.

Agradam-lhes os gorros e, às vezes, pôr a aba dos chapéus para trás ou de lado, conforme tais modas. Os carapuços, dos casaquitos com bolsos, levam a dianteira.

Ao passarmos os olhos pela variedade desses resguardos, com que nos deparamos, não deixamos de ver os rostos de cada um. Na verdade, corresponde à nossa população escolar, desde os 3 anos.

Em face do nosso tipo de acolhimento, em que o valor essencial é a Família, é perturbadora a propaganda do dito *avanço social* doutro sentido para o crescimento da pessoa humana.

Naturalmente, acontece no seio de uma comunidade familiar com as referências, na diferença, do pai e da mãe. Por vezes, estas traves mestras não se encontram. E vão-nos chegando gemidos, afli-

tos, das ruas, a que não podemos ficar insensíveis.

O percurso anterior de cada filho acolhido é sinuoso; e o seu itinerário até orientar a sua vida escolar, profissional e afectiva é moroso.

Como educar crianças, adolescentes e jovens, marcados por desarranjos familiares, para o encontro e realização na vida conjugal, quando se considera *urgente*, neste País, alterar a legislação do casamento? Os nossos garotos mostram-se muito confusos com tal cenário; pois, não vêem outro tipo, natural, de casal humano.

Quanto aos nossos Rapazes que vão espigando e despertando para o conhecimento amoroso, bom seria que fossem estruturando personalidades equilibradas, no sentido de reconhecerem o encanto da vida em casal que frutifica e chega a ver os filhos dos seus filhos...

Para além daquela trintena de filhos, cujos abrigos guardámos, e que estão mais dependentes do nosso apoio e ambiente familiar, há outros que temem rasgar o futuro, abrindo-se ao sonho de construir o seu *ninho*. Será influência de certa mentalidade, comodismo ou consequência das desorientações de alguns dos seus progenitores, que os levam a desvalorizar tal projecto de vida?

Jovem nosso que deixe esta Família sem perspectivar constituir um novo abrigo estável, pessoal e familiar, dificilmente se encontra na sua vida. E definha, afectivamente.

Também é sintomático que pesa, neles, o apelo materno, com os seus matizes. Um Rapaz, na maioridade, quis viver com a mãe, que também o desejaria ter consigo; porém, acabou por regressar. Outro, adolescente, também foi nesta linha, até ver.

Não é uma ideia passada, mas uma realidade que tem sempre futuro, continuar a educar os nossos filhos para a vocação natural da pessoa humana. Segundo o relato genesiaco, *Deus criou o ser humano à sua imagem, homem e mulher*. A biologia também o confirma.

Veja-se o que tem acontecido, em Portugal, cuja sociedade vai caindo, quanto à população mais nova, pois em 2010 os idosos serão tantos quanto os jovens.

Aqueles chapéus, largados ao tempo, pois estorvavam as brincadeiras, de muitos dos nossos, não deixaram as suas cabeças desprotegidas; pois, nesta época, com as temperaturas a descer, eles sentem cada vez mais o apelo do calor da lareira, que alimentam e em que se aconchegam, diariamente, ao cair da tarde, em Família! □

REFLECTINDO

Padre Telmo

UM visitante perguntou, um dia, ao Padre Américo «se estava satisfeito com a percentagem de rapazes que se aproveitam». Chamou Padre Américo a esta pergunta: «uma aflição inteligente».

Também para mim, depois de 50 anos, é uma afirmação inteligente.

O Fernando Dias, que veio com a Emília, sua esposa, para fundador desta Casa, deixou-nos um album com ficheiro e fotos dos nossos rapazes. Vi, li e reli com cuidado e deu-se um saldo francamente positivo.

Outra frase de Padre Américo, em resposta a um senhor que lhe perguntou se valia a pena todo o esforço e tantos casos, «se somente um se salvar, já vale a pena» — respondeu.

Ora temos. Estamos.

Que os nossos mais velhos não se assustem por não termos grandes técnicos, psicólogos e dinheiro do Estado... O dinheiro mata e estiola.

Hoje é Domingo. Um grupo foi à cidade jogar futebol. Os mais pequeninos ficaram brincando. Cinco vieram comigo para «pastarem o gado». Como? Um Domingo! É o nosso pão.

Eu no quartinho, que antes foi um pombal, dou-te as nossas notícias.

Mais: Ontem, foi uma correria para alcançar um porco, que se fez selvagem e andava a perseguir os vitelos; valeu um tiro que lhe deu o Padre Rafael. Foi uma festa. Ao almoço temos porco com funge. É pena não poderes estar...

P.S. — Em Portugal, um grupo de rapazes mais velhos e já com netos, mostraram-se apreensivos com a nossa Obra. Bom que pensam com amor de sua Obra! Não tenhais medo. Sede homens e falai sem medo.

Vede só: mesmo ontem fiquei enterrado no rio carrianga: Puxai todos — vamos puxar para a frente. Saímos. Todos para a frente. — O Senhor está — Pai Américo também. □

JESUS, O ENVIADO A ANUNCIAR A BOA NOVA AOS POBRES

Padre João Luís

O Beato Carlos de Foucauld continua a lembrar que Nosso Senhor Jesus Cristo não cumpriu a sua missão de libertação apenas nos três anos que chamamos de vida pública, mas sim em todos os dias da sua visita, desde a Anunciação, Belém, Nazaré...

Para iluminar toda a casa, a candeia nada mais tem de fazer do que estar acesa. Também nós para iluminarmos a cidade nada mais temos de fazer do que consentir que Jesus arda em nós, pela fé, esperança e caridade.

A Evangelização — a acção libertadora da Igreja — não é autonomia, nem dependência do homem. A Evangelização é viver com Cristo, por Cristo e em Cristo. A Evangelização nasce da Comunhão e leva à Comunhão. É por isso que a Evangelização não depende do ter nem do saber.

O messianismo estatal contemporâneo, em que o Estado pretende trazer a salvação pelo ter e pelo saber técnico, em nada resultará senão no aumento da dependência, exclusão, opressão, violência, pobreza e miséria. Procura-se o ter e o parecer, mas não o ser.

A Caridade é muito mais do que acção social da Igreja. A Caridade é também muito mais luminosa do que a solidariedade.

A Caridade dá-nos o Amor de Cristo por nós e por todos. A Caridade faz-nos ver que todos somos amados e que, por isso mesmo, todos somos convidados a entrar na alegria de amar a todos. Só a Caridade nos aproxima de todos os homens, de todas as gerações. A Caridade é Comunhão. Quem tem a Caridade tudo tem.

Nós não temos mais dificuldade em ajudar do que em deixarmos-nos ser ajudados. Por isso, só podemos ajudar os outros se eles virem que nos deixamos nós próprios ajudar, por Cristo e pela Igreja, e por todos.

Em casa e na paróquia, na escola e no seminário, no trabalho e no repouso, na aldeia e na pátria, como nos lembra o Santo Padre Paulo VI, precisamos mais de testemunhas do que de mestres.

Vinde Senhor, vinde salvar-nos. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A POBREZA DE MENTIR — As pessoas que a nossa Conferência vai ajudando têm as virtudes e os defeitos dos outros seres humanos. Sem nos estarmos a referir a nenhum caso específico que tenhamos relatado aqui, há os que, por necessidade ou por vício nos mentem pegado sobre as suas reais necessidades. Entre outras coisas, a visita domiciliária serve para detectar e combater estes comportamentos, mas nem sempre chega para isso. É preciso recolher informações por outras vias e, mesmo assim, podemos continuar a ser enganados. Como o Pai Américo dizia em situações parecidas com esta, o principal é que não devemos enganar os outros. Temos que fazer o possível por que os outros não nos enganem, mas, se, apesar disso, nos enganarem fizemos o nosso dever.

Casos deste género são, geralmente, os mais difíceis. Nalguns a necessidade é exagerada pela mentira, mas, nem por isso, deixa de existir. A questão aqui é procurar saber até onde é que vai a mentira e onde é que a verdade começa. Casos mais complicados ainda são aqueles onde há membros da família que, nessa mentira, usam indevidamente as suas crianças ou os seus idosos para obterem aquilo que pretendem. Quase sempre o que querem é ajuda monetária para, depois, poderem fazer com ela o que lhes apetece e que, geralmente, não é aquilo que devem.

Infelizmente nada disto é novo, nem é exclusivo do trabalho das Conferências e de quem mais anda nestas coisas. De qualquer maneira, aqui fica esta nota que nos parece ser cada vez mais actual neste momento em que, por esse País fora, vai aumentando o número de famílias a precisar de ajuda. Ao apoiar os que realmente precisam, que haja o cuidado para não desperdiçar recursos com os oportunistas e que haja a sabedoria necessária para combater a pobreza do mentir.

P.S.: Um muito obrigado à D. Odete da Parede. Ela sabe porquê.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

O BEM COMUM

Padre João

Continuação da página 1

2. Uma educação humanizante. Trata-se de um contributo decisivo para o bem comum. A realização da pessoa humana depende em grande parte de uma educação que conduza a projectos pessoais e comunitários. É prioritário que não se identifique Educação e Instrução; que se tenha a consciência da primazia das Instituições na educação; que a educação não é um acto individual mas comunitário e que exige a comunicação de uma tradição cultural viva. A Igreja tem um contributo real a dar à tarefa

educativa, colaborando com a família na sua missão educativa. A família impõe-se por si. Ela é a melhor escola de educação.

3. Proporcionar a todos o desenvolvimento digno da pessoa humana.

Seria justo que as sociedades reconhecessem o lugar das religiões na vida espiritual das pessoas como elemento relevante dos processos de desenvolvimento. É que, sem exigências éticas aceites, os processos de desenvolvimento podem comprometer a paz. A questão ecológica é fundamental. A Igreja sente o peso da sua responsabilidade ao defender o universo, pois defendê-lo é defender o homem. Defender a ecologia ambiental é defender a ecologia humana. Do bem comum que é o desenvolvimento faz parte também a luta contra a pobreza. "Os pobres têm direito àquilo a que eu tenho direito..." Não se trata só de repartir os bens mas promover a dignidade; não só olhar os pobres como

problema... Hoje há novas formas de pobreza que interpelam a Igreja entre as quais está a solidão... É preciso dinamizar a solidariedade através da subsidiariedade. A solidariedade sem subsidiariedade cai no assistencialismo e humilha o sujeito necessitado. Uma palavra amiga faz sentir a pessoa sujeito do bem comum.

O bem comum diz respeito a todas as dimensões da vida humana. No centro do bem comum está sempre a realidade da dignidade humana. Contribuir para o bem comum é missão da Igreja, através das Mensagens do Magistério, da presença dos cristãos "no concreto da vida", das suas Instituições e dos seus membros empenhados.

Apurar um "universal humano" sem sincretismos é tarefa das religiões, evitando agressividade laicista e o autoritarismo religioso. Lutar pelo bem comum é iniciar a salvação do homem, expressão sempre do Bem Comum, concluiu D. José. □

LAR DO PORTO

COLISEU DO PORTO — Na passada segunda-feira, dia 9 de Novembro, o Padre Carlos e mais cinco rapazes foram ver um espectáculo de música clássica/opera, *Carmina Burana* de Carl Orff, pelas 21 horas, ao Coliseu do Porto. O cenário representava a Roda da Fortuna. Um espectáculo idílico.

CAPOEIRA — As nossas galinhas estão a crescer muito. As galinhas vieram para o Lar em Setembro, como acontece anualmente.

José Reis

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Novembro,
48.400 exemplares

Páginas Escolhidas de Pai Américo

O Jornal de Notícias, desde há dias e até 31 de Dezembro, decidiu colaborar na distribuição destes textos magníficos que são uma amostra do talento literário de Pai Américo. *Profundidade e simplicidade reunidas em beleza.*

Com o jornal do dia, o livro custa 12 euros. É uma oportunidade de encontro a não perder. Se no lugar onde o jornal se vende não tiverem o livro na ocasião, deixem o pedido e ali o encontrarão dias depois. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

É uma jubilosa notícia esta que vou dar-vos! Uma autêntica prenda de Natal oferecida aos pobres!... — *Comprei uma casa com dois andares para aquela cancerosa, ainda jovem, mãe de quatro filhos pequeninos, a morar numa freguesia do concelho de Penafiel.*

O pai desta mulher, enfermo da coluna, com um filho deficiente, mora no primeiro andar. Ela e a sua família, no rés-do-chão, com vistas largas e belas para o Tâmega e suas vertentes de sonho, em qualquer época do ano.

Ficam ainda com um quintalzinho e espaço para galinhas ou outros animais, porque é campo.

O casal de gaiatos que por eles se interessou, foi saber o porquê de tão grave abandono.

O homem não tem subsídio de desemprego porque não se inscreveu, nem sequer deu resposta às cartas que a entidade competente lhe enviou.

Também lhe cortaram o rendimento mínimo porque ambos não estavam inscritos no fundo de desemprego.

Esta gente não entende a burocracia nem é capaz de se desenrascar. As dificuldades assustam-nos e ficam numa situação quase inacreditável!

O que as conferências vicentinas tem a fazer!...? O que as assistentes sociais deviam realizar?! Se os pobres não respondem às cartas e por isso lhes cortam os subsídios, algo está mal.

Não deveriam antes ir saber o porquê? — Se as pessoas se

manifestam incapazes de exigir os seus direitos, é necessário que alguém as ajude. Isto é um trabalho social.

Vivendo num país que se quer organizado, é preciso ter consciência de que há, ainda, muitos portugueses sem capacidade de entender, para se encaixarem nesta organização perceptível. Quando há crianças a sofrer por esta inabilidade, mais gravoso se manifesta o corte do rendimento de inserção, sem conhecimento das causas, só para cumprir as leis.

Cada caso é um caso e, por isso, cada família, exige um estudo e uma adequada solução.

Dar-lhes uma casa é fundamental, mas não é tudo. É necessário o acompanhamento para que os pais evoluam no bom sentido e as crianças se promovam ao nível social das outras, para não se tornarem amanhã, fontes de miséria e imperícia humanas.

Os dois andares constituem um único prédio e custaram-nos 72.500 euros.

É mais fácil arranjar dinheiro para pagar ao dono, do que encontrar um grupo de pessoas para amparar esta família. Hoje há tempo para as actividades mais supérfluas: passeios e diversões,

mas falta sempre para aquilo que mais glória dá a Deus — o **cuidar dos pobres!**

Estou convicto que este casal de gaiatos, já dorido pelo que viram se vai comprometer e nos vai auxiliar. Pai Américo ajudá-los-á neste serviço glorioso tanto do seu agrado!... e, da satisfação de Deus.

Os andares terão de ser pintados e, no de baixo, há portas e janelas a meter.

Vou pagar os materiais, comprar um exaustor para a cozinha, mas as obras, terão de ser feitas pelo marido da cancerosa.

Temos de puxar por ele e (Obrigá-lo?), a incorporar-se na sua casa e da sua família.

Um dos factores que mais nos inclinou a esta decisão foi o facto de os sentirmos muito presos à casa que habitam, à sua vizinhança e ao seu meio. Ficam, agora, com uma casa da sua propriedade e da qual, há muito, tomaram posse.

Esta é a solução social, a nosso ver, mais exacta.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □**

PENSAMENTO

Pai Américo

Senhor do Céu, só a Humildade é grande! Ela foi na terra que pisamos a Vossa lição: «Humilhou-Se até à morte e morte de cruz». □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

Problemas avolumados

DE quinze a quinze se avolumam tanto os problemas que temos de enfrentar que, na hora de escrever, peço a Deus me ilumine, para dizer o que é possível dizer.

Aqui, em Moçambique, apesar destes dezoito anos a trabalhar, temos muito poucos leitores. A distribuição de um jornal, implica barreiras burocráticas que não queremos enfrentar, por saturação de outras a que não podemos fugir. Ainda agora com a importação de sementes, produtos de tratamento do gado e material para a renovação das câmaras frigoríficas, têm sido meses a arrastar processos pelas repartições, a gastar dinheiro e paciência. Se não fosse pela missão e testemunho que carregamos, em nome da Igreja, na actualidade moçambicana, somos uns inúteis, ou só de alguma utilidade para sermos usados. Muito queríamos que houvesse um apoio oficial pelo reconhecimento do valor do trabalho que fazemos. Às vezes, respiro fundo quando vejo notícias de empresas com letra grande, a propósito de criarem umas centenas ou só umas dezenas de empregos e porque ditas de alto interesse

económico para o país, gozam de toda a espécie de isenções fiscais e facilidade de desembaraço aduaneiro, nas importações de toda a espécie.

Demos, até agora, trabalho a mais de quatrocentas pessoas. Sendo que muitas delas, entretanto, com apoios que granjeamos, atingiram ou completaram formação secundária como professores, enfermeiros e educadores de infância e daí muitos e muitas passaram a cursos universitários que concluíram ou estão prestes. Todos os nossos trabalhadores, têm oportunidade de estudar, mesmo começando na primeira-classe. Curioso saber que este ano foi um pedreiro a exame da décima classe, com 65 anos. Temos salvado milhares de crianças da cólera, da malária, da sida e prevenimos, com grande empenho, os seropositivos, tendo muitos deles entre os nossos trabalhadores. Assistimos a milhares de crianças para além das que frequentam as Creches e vêm à consulta de pediatria. Tudo isto vai nos relatórios e passa automaticamente para o desempenho do Estado, nas contas aos Doadores. E nós é que sabemos bem quem

são os doadores e a Deus pedimos por eles todos os dias. Há tempos foram três mil euros dum companheiro de infância, a viver em França e agora aposentado. Por estes dias um Amigo de Lisboa, com quinhentos, mais material de limpeza que há-de chegar no contentor. É preciso agradecer o pão de cada dia e só a Deus podemos fazê-lo.

Esteve esta semana uma equipa do Ministério da Acção Social de visita à nossa Casa. Apesar de ser em plena época de exames, com horários alterados, uma nova distribuição de tarefas, porque o nosso princípio, muito embora custe a engolir aos puritanos dos direitos da criança, continua a ser aqui: «aquilo que por eles pode ser feito, ninguém mais o fará». É de tenra idade que os trazemos da rua e se às vezes tentamos, receber alguém com mais de doze, pouco se consegue, por não terem escolaridade, nem bons hábitos. Viram tudo a pente fino. Admiraram-se, gostaram e foram embora. Tristes «porque há muitos internatos para crianças que mereciam ser fechados, por não terem o mínimo de condições». E isso vai para os relatórios para que se saiba o que o Ministério faz. Devia ir igualmente o que não faz. □

A Caridade na Verdade

HOJE, último Domingo do Ano Litúrgico, celebramos a Solenidade de Cristo Rei. E logo no ofício da manhã encontramos esta palavra de S. Paulo na Epístola aos Efésios: «Praticando a Verdade na Caridade, crescemos, por tudo o que fizermos, n'Aquele que é a Cabeça, Cristo. É a partir d'Ele que todo o Corpo, segundo a operação de cada membro na sua medida, cresce para a sua edificação na Caridade».

Esta palavra introduz-nos no coração da encíclica, nomeadamente neste capítulo que trata da *Colaboração da Família Humana*, Família em realização incessante, à qual são chamados todos os homens «na medida da graça atribuída a cada um».

«A cooperação no desenvolvimento não deve limitar-se apenas à dimensão económica, mas há-de tornar-se uma grande ocasião de encontro cultural e humano. (...) Não confundir o desenvolvimento tecnológico com uma suposta superioridade cultural (...) pois existem em todas as culturas, singulares e variadas convergências éticas, expressão de uma mesma natureza humana querida pelo Criador, a que a sabedoria da Humanidade chama Lei Natural. Esta Lei é um fundamento firme de todo o diálogo cultural, religioso e político. (...) Por isso, a adesão a esta Lei escrita nos corações é o pressuposto de qualquer colaboração social construtiva.»

(...) «Quando se procurarem soluções para a crise económica actual, a ajuda ao desenvolvimento dos países pobres deve ser considerada como verdadeiro instrumento de criação de riqueza para todos. (...) Uma solidariedade mais ampla a nível internacional exprime-se, antes de mais nada, pelo maior acesso à EDUCAÇÃO. Com este termo não se pretende referir apenas a instrução escolar ou a formação para o trabalho — ambas causas importantes de desenvolvimento — mas a formação completa da pessoa, o que exige saber quem é a pessoa humana, conhecer a sua natureza.»

(...) «Outro aspecto a merecer atenção ao tratar do desenvolvimento humano integral é o fenómeno das MIGRAÇÕES. É um fenómeno impressionante pela quantidade de pessoas envolvidas. (...) Nenhum país se pode considerar capaz de enfrentar sozinho os problemas migratórios do nosso tempo. Existe uma estreita colaboração entre os países de onde partem os emigrantes e os países de chegada. (...) Tais trabalhadores não podem ser considerados como simples mercadoria ou mera força de trabalho. Todo o emigrante é pessoa humana; possui direitos fundamentais e inalienáveis que não-de ser respeitados por todos em qualquer situação.»

(...) Há um nexo directo entre POBREZA e DESEMPREGO. Em muitos casos, os pobres são o resultado da violação da dignidade do trabalho humano. (...) Em cada sociedade — que o trabalho seja escolhido livremente; que associe eficazmente os trabalhadores, homens e mulheres, no desenvolvimento da sua comunidade; que permita aos trabalhadores serem respeitados sem qualquer discriminação; que consista satisfazer as necessidades das famílias e dar a escolaridade aos filhos; que permita aos trabalhadores organizarem-se livremente e fazer ouvir a sua voz; que deixe espaço suficiente para reencontrarem as próprias raízes a nível pessoal, familiar e espiritual; que assegure aos trabalhadores aposentados uma vida digna. (...) É urgente a necessidade das organizações sindicais se abrirem às novas perspectivas que surgem no âmbito laboral; (...) que volvem o olhar para todos os trabalhadores, nomeadamente os dos países em vias de desenvolvimento, onde frequentemente os direitos sociais são violados; (...) sempre atentos à distribuição de papéis e funções entre sindicato e política, o que os libertará na sociedade civil, para a defesa e promoção do mundo do trabalho, sobretudo em favor dos trabalhadores explorados e não representados cuja amarga condição resulta frequentemente ignorada pelo olhar distraído da sociedade.»

«AS FINANÇAS, é preciso que voltem a ser um instrumento que tenha em vista a melhor produção da riqueza e o desenvolvimento do homem e dos povos. Para isso, os operadores de finanças devem redescobrir o fundamento ético próprio da sua actividade: Recta intenção, transparência e busca de bons resultados são compatíveis entre si e jamais devem ser separados.»

Há que educar «os mais débeis para se defenderem da usura e impedir escandalosas especulações; e também os povos pobres, ensinando-os a tirarem vantagem do microcrédito.»

«OS CONSUMIDORES e suas Associações — um novo poder político que a interligação mundial fez surgir — é bom que ganhem consciência de que a acção de comprar é sempre um acto moral. E, por isso, também estes têm uma específica responsabilidade social, com elementos positivos que não-de ser incentivados e excessos que se devem evitar.»

E o capítulo V da encíclica conclui com um sumário de todo ele que eu não sou capaz de resumir... nem de omitir. Aí vai quase, quase todo.

«Perante o crescimento incessante da interdependência mundial, sente-se imenso a urgência de uma reforma, quer da Organização das Nações Unidas, quer da 'arquitectura económica e financeira' internacional, para que seja possível uma real concretização do conceito de Família de Nações. Sente-se a urgência de encontrar formas inovadoras para implementar o princípio da 'responsabilidade de proteger', atribuindo também às nações mais pobres uma voz eficaz nas decisões comuns. (...) Para o governo da economia mundial, para sanar as economias atingidas pela crise de modo a prevenir o agravamento da mesma; para realizar um oportuno e integral desarmamento, a segurança alimentar e a paz; para garantir a salvaguarda do ambiente e para regulamentar fluxos migratórios — urge a presença de uma verdadeira 'Autoridade política mundial', delineada já pelo meu predecessor João XXIII. A referida Autoridade deverá regular-se pelo direito, ater-se coerentemente aos 'princípios de subsidiariedade e solidariedade'; estar orientada para a consecução do Bem Comum; comprometer-se na realização de um autêntico desenvolvimento humano integral reconhecido nos valores da caridade na verdade. Uma tal Autoridade deverá ser inapreciada por todos, gozar de poder efectivo para garantir a cada um a segurança, a observância da Justiça, o respeito dos direitos. Obviamente deve gozar da faculdade de fazer com que as partes respeitem as próprias decisões, bem como as medidas coordenadas e adoptadas nos vários foruns internacionais; senão, o direito internacional, não obstante os grandes progressos realizados nos vários campos, correria o risco de ser condicionado pelos equilíbrios de poder entre os mais fortes.»

O desenvolvimento integral dos povos e a colaboração internacional exigem que seja instituído um grau superior de ordenamento internacional de tipo subsidiário para o governo da globalização; e que se dê finalmente activação a uma ordem social conforme à ordem moral e àquela ligação entre esfera moral e social, entre política e esfera económica e civil, que aparece já perspectivada no Estatuto das Nações Unidas.»

Padre Carlos